

AUTO-PERCEPÇÃO DAS COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS DOS ESTUDANTES: UM ESTUDO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

Teresa Costa, teresa.costa@esce.ips.pt, Escola Superior de Ciências Empresariais, Instituto Politécnico de Setúbal

Luísa Carvalho, luisa.carvalho@esce.ips.pt, Escola Superior de Ciências Empresariais, Instituto Politécnico de Setúbal

Pedro Mares, pedro.mares@esce.ips.pt, Escola Superior de Ciências Empresariais, Instituto Politécnico de Setúbal

RESUMO

Há um crescente reconhecimento de que o empreendedorismo é uma força motriz na promoção do crescimento económico, competitividade e criação de emprego das nações. Uma vez que o espírito empreendedor de qualquer um pode ser desenvolvido e melhorado, o sistema educacional assume um papel importante na aprendizagem dos alunos a serem empreendedores. Na verdade, o desenvolvimento de competências essenciais, capacidades e atitudes em relação ao empreendedorismo pode contribuir para comportamentos empreendedores.

Este trabalho tem como objectivo avaliar o nível de perfil empreendedor dos alunos que frequentaram as disciplinas de Empreendedorismo e Empreendedorismo e Criação de Empresas no Instituto Politécnico de Setúbal (IPS). Foi aplicado um inquérito a estudantes de Empreendedorismo do IPS, no qual foram recebidas 90 respostas.

Os resultados deste estudo empírico fornecem informações importantes que permitem o desenvolvimento de um currículo apropriado e de programas extra curriculares mais adequados para diferentes padrões de perfis empreendedores.

PALAVRAS-CHAVE: ensino do empreendedorismo, ensino superior, perfil empreendedor

ABSTRACT

There is a growing recognition that entrepreneurship is a driving force in promotion of economic growth, competitiveness and job creation of the nations.

Once the entrepreneurship skills of anyone can be developed and improved, educational system assumes an important role in taught students to be entrepreneurs. In fact, the development of essential skills, capabilities and attitudes towards entrepreneurship can contribute for entrepreneurial behaviors.

The paper aims to evaluate the level of entrepreneurship profile of students who attended the subjects of entrepreneurship and entrepreneurship and enterprise creation in Polytechnic Institute of Setubal (IPS). An inquiry was applied to entrepreneurship students from IPS and 90 answers were received.

The results of this empirical study provide important information that allows the development of proper curricular and extra curricular programs more suitable to different patterns of entrepreneurial profiles.

KEY WORDS: entrepreneurship education, higher education, entrepreneurial profile

1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é um processo dinâmico que vai para além da criação do próprio negócio. O empreendedorismo requer visão, mudança e criação, mas também implica energia e paixão dirigida para a criação e implementação de novas ideias e de soluções criativas (Kuratko e Hodgetts, 2004).

Actualmente, as Instituições de Ensino Superior têm um papel importante na melhoria do empreendedorismo, sendo parte de um ecossistema empresarial com as empresas, governos e diversas instituições. Desta forma, o ensino do empreendedorismo está a ganhar cada vez mais interesse entre investigadores académicos e os

decisores políticos. Nesse sentido, a OCDE (2008) reforça o importante papel das Instituições de Ensino Superior no ensino de competências empresariais para os jovens, bem como apoiar aqueles que decidem iniciar um projecto empresarial.

Este estudo pretende apresentar alguns estudos efectuados sobre o tema da educação para o empreendedorismo, e, ainda, os resultados de um estudo empírico realizado numa amostra de estudantes do ensino superior que frequentaram as disciplinas de Empreendedorismo e Empreendedorismo e Criação de Empresas.

2. EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A propensão ao empreendedorismo e criação de pequenos negócios é muitas vezes associada a um conjunto de características que se espera poderem ser influenciadas pelos programas formais de educação, onde se incluem os valores, as atitudes, os objectivos pessoais, a criatividade e a aversão ao risco.

Estudos realizados por Pittaway e Cope (2007) sobre este assunto, permitem concluir que a educação para o empreendedorismo tem um impacto nas intenções e na propensão dos estudantes para iniciarem um negócio (Gorman et al, 1997).

Alguns estudos (Ulrich e Cole, 1987) mostram ainda que não é indiferente o tipo de ensino adoptado, isto é, a escolha entre uma abordagem mais prática, baseada em experiências mais concretas, ou numa conceptualização mais abstracta e teórica.

No que respeita à cultura das instituições de ensino existem ainda sugestões à necessidade de mudança, ainda que, o caminho a seguir para essa mudança seja apontado de acordo com diferentes direcções (Gorman et al, 1997). Chamard (1989) reflectiu acerca da natureza do sistema de educação pública e no seu impacto sobre a personalidade dos estudantes, concluindo que a educação formal não favorece o desenvolvimento de características empreendedoras. Singh (1990) defendeu uma perspectiva similar quanto ao sistema de ensino, formal neste caso aplicado aos países em desenvolvimento, reforçando a necessidade de cultivar uma verdadeira cultura empreendedora.

No que concerne à educação para o empreendedorismo, Jamieson (1984) sugere três categorias para o ensino do empreendedorismo e formação: i) educação sobre a empresa - onde o principal objectivo é aumentar a consciência sobre a criação da nova empresa; ii) educação para a empresa - onde a aprendizagem é centrada nas atitudes e associadas à criação e gestão de novas empresas, principalmente aqueles relacionados com as questões de gestão e de criação de um novo negócio; iii) educação na empresa - aqui o alvo é estabelecido por empresários. O objectivo principal é melhorar a gestão das competências individuais para promover a sustentabilidade dos negócios. Esta perspectiva coloca-nos perante a questão de considerarmos a educação para o empreendedorismo apenas como a aquisição de competências de gestão, importantes para a criação de um negócio, ou também o desenvolvimento de atitudes e outras competências empreendedoras. Em 2003 a Comissão Europeia, defendeu que não basta somente promover a aquisição de conhecimentos técnicos e formação profissional, é também necessário estimular o espírito empresarial e a ambição de se tornar um empreendedor. Experiências desenvolvidas na Europa apresentadas por Hytti et al (2004) permitiram identificar algumas dimensões básicas no ensino do empreendedorismo: (i) educação para atitudes e competências empreendedoras, (ii) a formação de como criar um negócio, e (iii) a sensibilização para o empreendedorismo como uma opção de carreira. Os módulos de formação para desenvolvimento dessas categorias centram-se essencialmente no desenvolvimento das competências de gestão, incluindo o financiamento, contabilidade, tecnologias de informação e comunicação, marketing, recursos humanos ou de outras áreas funcionais. Além disso, o desenvolvimento de competências associadas às atitudes favoráveis ao empreendedorismo incluem, entre outras, a assunção de riscos, a liderança, a auto-confiança, a criatividade e a resolução de problemas.

Neste contexto, enumeram-se os objectivos de educação para o empreendedorismo mais citados (Garavan e O'Conneide, 1994):

- Aquisição de conhecimentos pertinentes de empreendedorismo;
- Aquisição de competências que possibilitem a utilização de técnicas, na análise de situações de negócios, e na elaboração de planos de acção;

- Identificar e estimular as fontes de empreendedorismo de talento e de competências;
- Desenvolver empatia e apoiar todos os aspectos relacionados com o empreendedorismo;
- Desenvolver atitudes de aceitação da mudança;
- Para estimular o aparecimento de start-ups e de outros projectos empreendedores.

Estudos apresentados sobre análise de alguns cursos de instituições de ensino superior, permitiram verificar que na grande maioria dos casos a formação está concentrada no desenvolvimento de competências funcionais e nos planos de negócios (Dominguinhos e Carvalho, 2009; Dubbini e Iacobucci, 2004; Li e Matlay, 2005). Outro tipo de cursos, programas e cursos de formação em toda a Europa (Henry et al, 2005; Ribeiro et al, 2006), oferecem um tipo mais difundido de módulo de formação combinando competências pessoais e funcionais, mas em todos eles o objectivo é desenvolver um plano de negócios. Alguns estudos mais recentes começam a apontar novas dinâmicas, nomeadamente a importância da criação de ecossistemas empreendedores que promovam a criação de um ambiente que favoreça o acesso a diversos recursos e redes que potenciem o empreendedorismo (World Economic Forum, 2009; Carvalho et al, 2010; Costa et al, 2011).

Numa outra dimensão, considera-se também fundamental a avaliação dos programas e cursos de promoção do empreendedorismo, verifica-se, porém, que na maioria dos casos a avaliação privilegia uma abordagem transversal, sendo menos comum a análise longitudinal, (Westhead e Storey, 1996; Wyckham, 1989). Outra dificuldade engloba a natureza da medida a ser utilizada, quantitativa e/ou qualitativa, bem como, o calendário dos resultados, uma vez que muitas vezes os resultados só aparecem vários meses ou anos depois (Cox, 1996; Curran e Stanworth, 1989; Gibb, 1993; Henry et al 2005, Young, 1997).

3. Estudo Empírico

3.1. Metodologia

A recolha dos dados foi realizada através de um questionário aplicado aos alunos que frequentaram as unidades curriculares de Empreendedorismo e Empreendedorismo e Criação de Empresas no Instituto Politécnico de Setúbal durante os meses de Março e Abril de 2011. Com o objectivo de avaliar a auto-percepção empreendedora dos alunos, foi utilizado um questionário elaborado pelo Instituto Politécnico de Leiria. O questionário é constituído por 9 grupos, representando, cada grupo, uma capacidade empreendedora:

- Observar e Explorar (OE);
- Sentido Crítico e Criativo (SCC);
- Assumir Riscos (AR);
- Decisões e Responsabilidades (DR);
- Comunicar (C);
- Inspirar e Motivar (IM);
- Planificar e organizar (PO);
- Trabalho Ordenado e Minucioso (TOM);
- Perseverança e Vitalidade (PV).

Cada grupo é composto por 5 dimensões com uma escala compreendida entre 1 a 5 (1 – Nunca, 2 – Raramente, 3 – Por vezes, 4 – Frequentemente, 5 – Sempre).

Após a resposta às 45 perguntas, o inquirido soma a pontuação obtida em cada dimensão de cada capacidade empreendedora correspondente, de modo a obter o seu perfil empreendedor.

Neste estudo participaram 90 alunos que frequentaram as unidades curriculares de Empreendedorismo e Empreendedorismo e Criação de Empresas no 2º semestre do ano lectivo de 2010/2011, pertencentes aos cursos de Marketing, Gestão de Sistemas de Informação, Gestão da Distribuição e da Logística e Gestão da Distribuição e da Logística Pós-Laboral da Escola Superior de Ciências Empresariais e aos cursos de Gestão da Construção e Engenharia Civil da Escola Superior de Tecnologia do Barreiro.

Após a recolha dos dados procedeu-se ao seu tratamento estatístico através da utilização do programa de software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*).

Numa primeira fase, foi realizada uma análise descritiva dos resultados obtidos. Esta fase pretendeu, por um lado, caracterizar a amostra e, por outro, detalhar as várias dimensões de cada capacidade empreendedora. Posteriormente, foi elaborada uma análise factorial utilizando a análise de componentes principais (ACP).

Segundo Pestana e Gageiro (2003), a análise factorial procura explicar a correlação entre as variáveis observadas simplificando os dados por meio da redução do número de variáveis necessárias para as descrever. Deste modo, através da utilização da análise factorial neste estudo, pretende-se agrupar os alunos com o mesmo padrão de capacidades empreendedoras no menor número de factores.

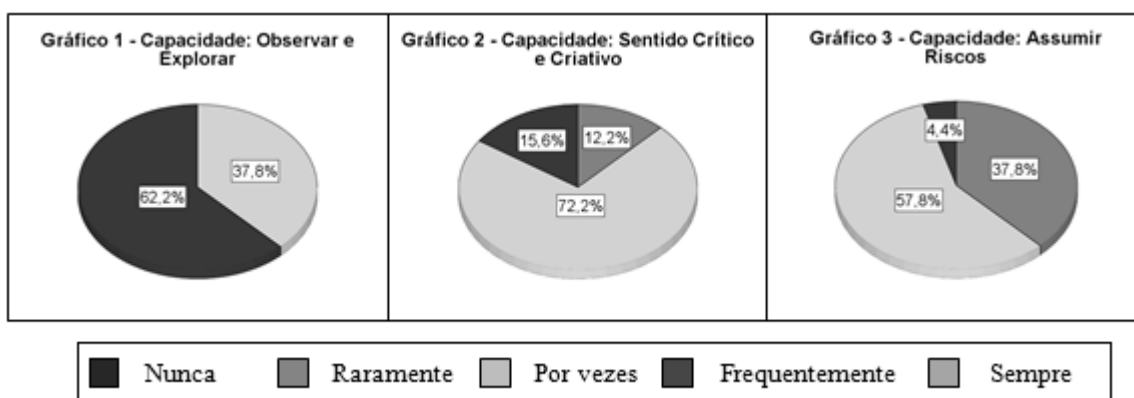
3.2. Análise descritiva

Relativamente aos procedimentos utilizados na análise de dados, foi elaborada uma descrição dos resultados obtidos em cada grupo do questionário, realizando-se, posteriormente, uma análise factorial, de modo a ir de encontro com os objectivos deste estudo.

Relativamente à capacidade “Observar e Explorar”, 62% dos estudantes inquiridos considera ser observador e explorador com frequência, enquanto que 38% considera ser às vezes.

No que diz respeito à capacidade “Sentido Crítico e Criativo”, cerca de 72% dos inquiridos considera ter sentido crítico e criativo esporadicamente (por vezes).

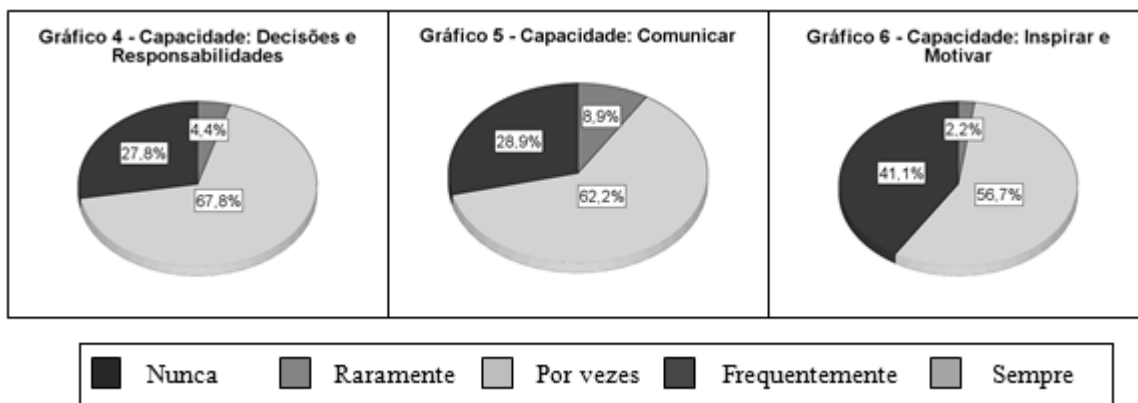
Aproximadamente 58% dos alunos inquiridos indicaram que assumem riscos esporadicamente (por vezes).



Quanto à capacidade “Decisões e Responsabilidades”, 68% dos inquiridos indicaram que tomam decisões e responsabilidades com esporadicamente (por vezes).

Em relação à capacidade “Comunicar”, 62% dos alunos ter alguma capacidade comunicativa (por vezes), e 29% dos inquiridos consideram ter uma boa capacidade comunicativa.

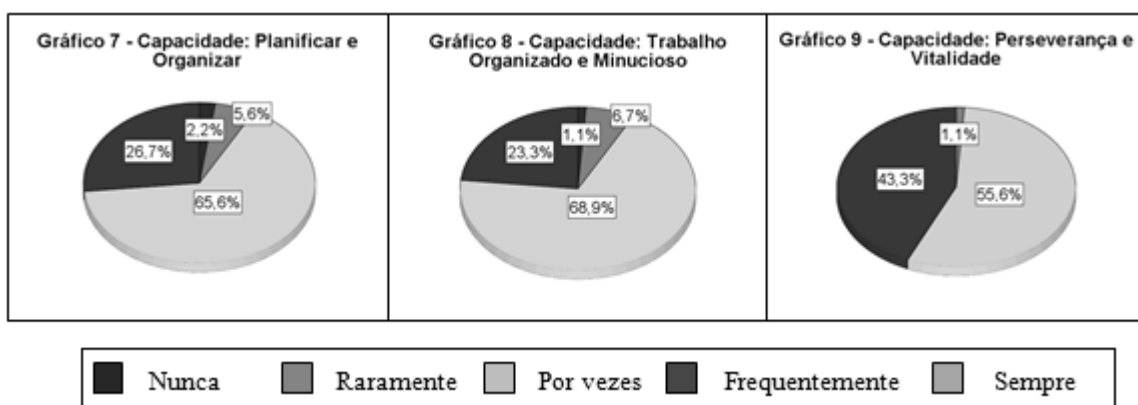
Cerca de 57% dos inquiridos indicaram ter a capacidade “Inspirar e Motivar” com pouca frequência (por vezes), enquanto que 41% indicaram ter esta capacidade com frequência.



No que diz respeito à capacidade “Planificar e Organizar”, cerca de 66% dos inquiridos consideram ser esporadicamente (por vezes) planificadores e organizadores, enquanto que 27% considera ter esta capacidade com frequência.

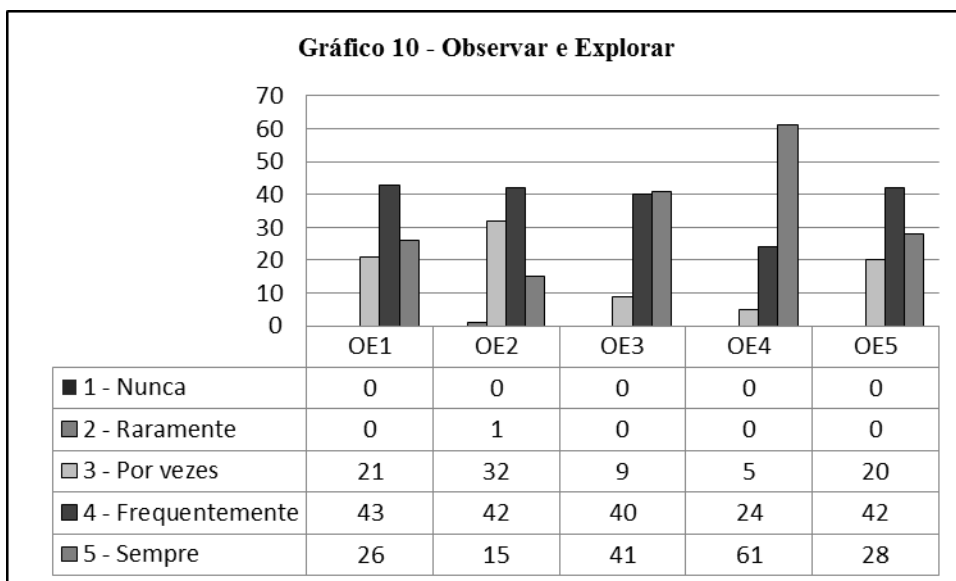
Aproximadamente 69% dos inquiridos consideram que o seu trabalho é pouco (por vezes) organizado e minucioso. Contudo, 23% dos alunos indicaram ter esta capacidade com frequência.

Relativamente à última capacidade empreendedora, cerca de 56% dos alunos inquiridos consideram ser por vezes perseverantes, enquanto que 43% indicaram ter esta capacidade com frequência.

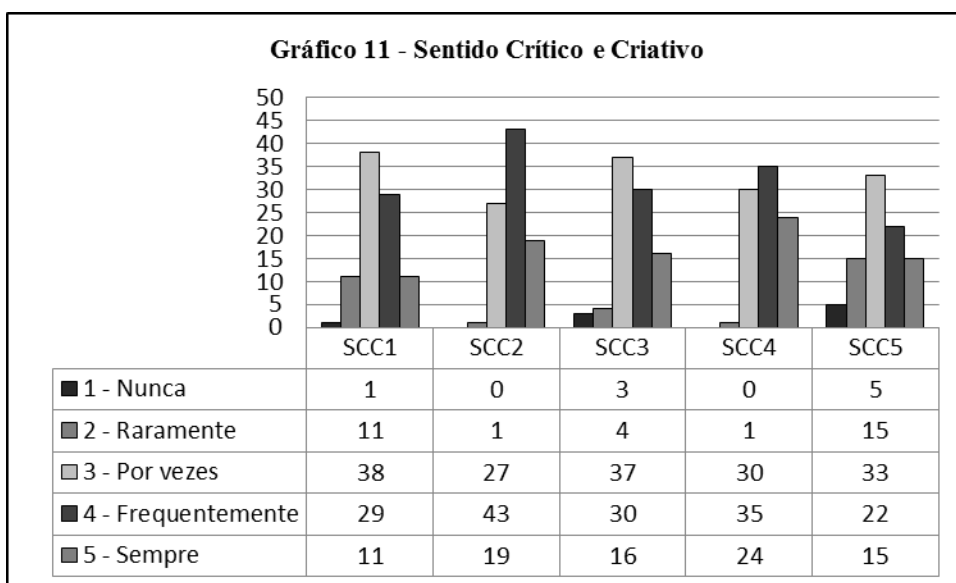


De seguida serão apresentados os resultados obtidos nas dimensões que constituem cada capacidade empreendedora.

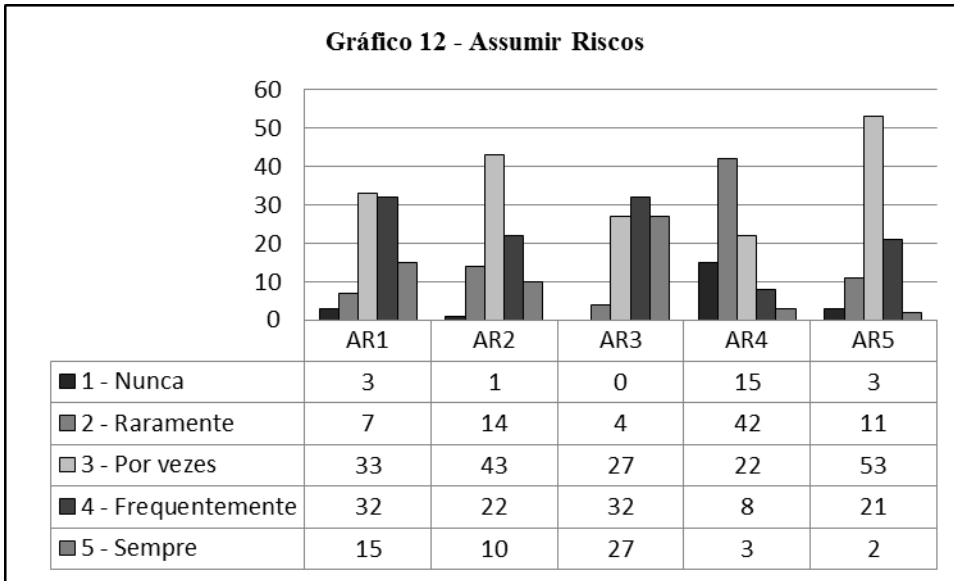
O gráfico 10 analisa o número de respostas obtidas em cada grau de frequência para as dimensões da capacidade “Observar e Explorar”. Relativamente à dimensão “Sou inovador” (OE1), a maioria dos inquiridos (43) atribuiu um grau de frequência 4. Na dimensão “valido a informação” (OE2), 42 alunos atribuíram um grau de frequência 3. Relativamente à dimensão “procuro informação” (OE3), 81 alunos indicaram um grau de frequência entre 4 e 5. No que diz respeito à dimensão “aprendo com o sucesso e insucesso” (OE4), a generalidade dos alunos (61) atribuiu um grau de frequência 5. Relativamente à última dimensão (OE5), cerca de 47% dos inquiridos considera que explora as dificuldades frequentemente.



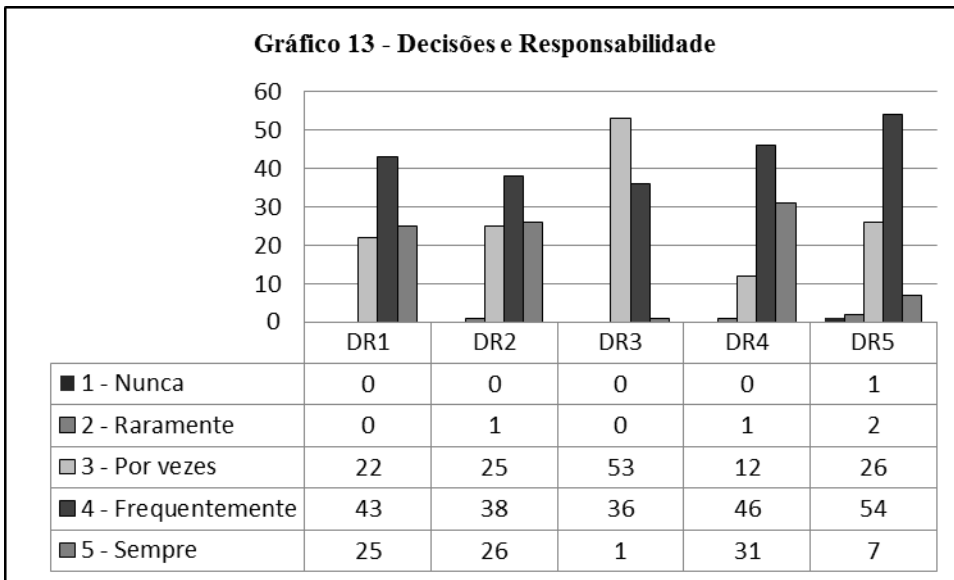
Relativamente à capacidade “sentido crítico e criativo”, no que concerne às dimensões “sou sonhador” (SCC1), “sou criativo” (SCC3) e “faço as coisas em que acredito” (SCC5), grande parte dos alunos indicou um grau de frequência 3. Quanto às dimensões “procuro soluções para os problemas” (SCC2) e “sou pragmático” (SCC4), a maioria dos inquiridos atribuiu um grau de frequência 4.



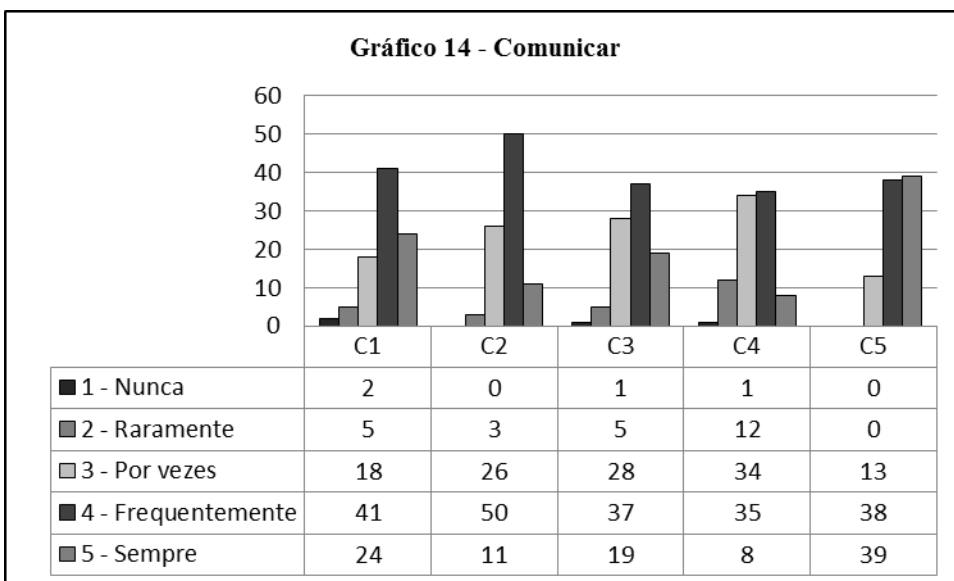
No que diz respeito à capacidade em assumir erros, na dimensão “sou cauteloso” (AR1) e “acho aborrecidas as actividades rotineiras” (AR3), 32 alunos atribuíram um grau de frequência 4. Na dimensão “prefiro os pequenos riscos” (AR2), a maioria dos inquiridos atribuiu um grau de frequência 3. Em relação à dimensão “desisto quando estou a perder” (AR4), salienta-se o facto de 63% dos alunos terem indicado que nunca, ou raramente o fazem. Na última dimensão (AR5), a generalidade dos alunos referiram que tentam fazer as coisas bem com pouca frequência.



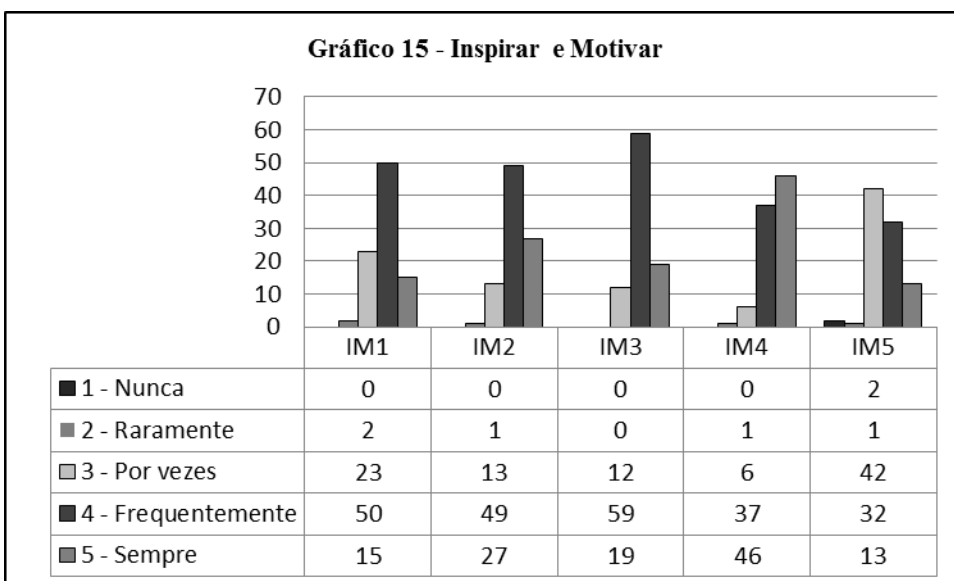
Relativamente às dimensões da capacidade “Decisões e Responsabilidades”, na dimensão “tomo boas decisões” (DR3) a maioria dos alunos atribuiu um grau de frequência 3, enquanto que nas restantes dimensões a generalidade dos alunos atribuiu um grau de frequência 4.



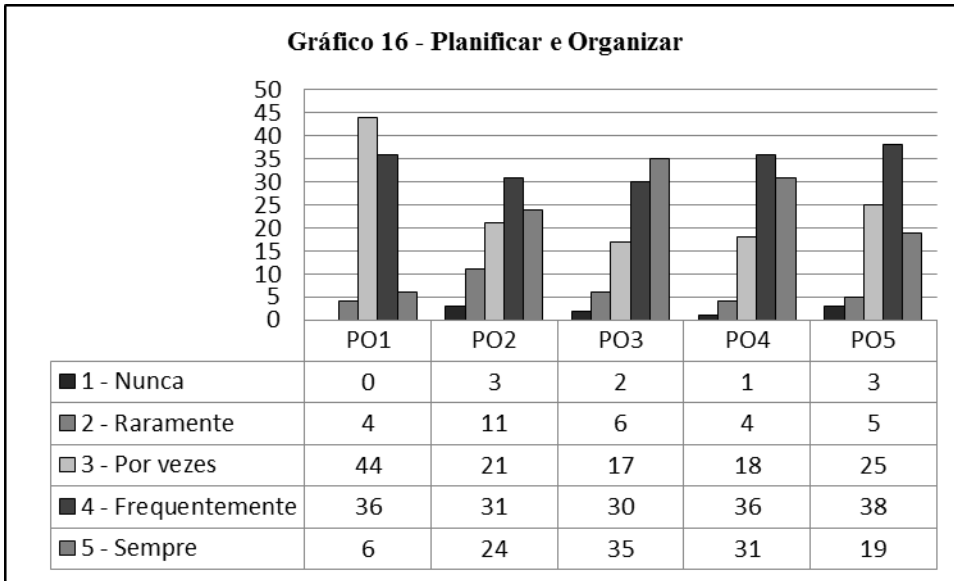
Nas dimensões da capacidade empreendedora “Comunicar”, “comunico facilmente” (C1), “convenço com os meus argumentos” (C2), “relaciono-me com pessoas diferentes” (C3) e “tenho uma boa capacidade de escrita” (C4), a maioria dos alunos conferiu um grau de frequência 4. Relativamente à dimensão “gosto que me levem a sério” (C5), 86% dos alunos atribuíram um grau de frequência entre 4 e 5.



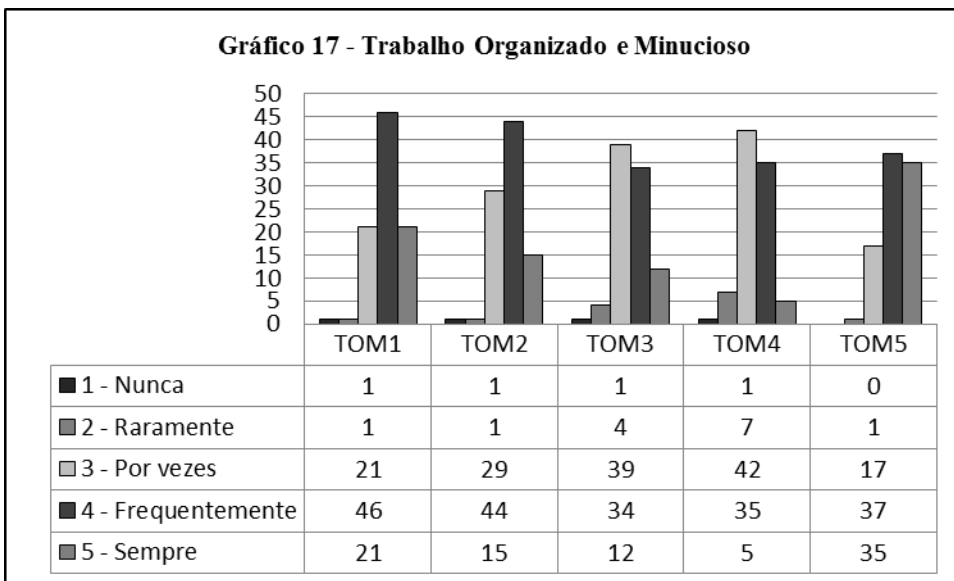
Em relação à capacidade “Inspirar e Motivar”, a maioria dos alunos indicou um grau de frequência 4, quanto às dimensões “procuro fixar metas que sejam realistas” (IM1), “procuro organizar bem as coisas” (IM2) e “sinto-me respeitado quando estou em equipa” (IM3). Relativamente à dimensão “ajudo os outros” (IM4), 92% dos alunos atribuíram um grau de frequência entre 4 e 5. Quanto à última dimensão (IM5), grande parte dos inquiridos indicou que só por vezes é que valoriza mais as qualidades do que os defeitos.



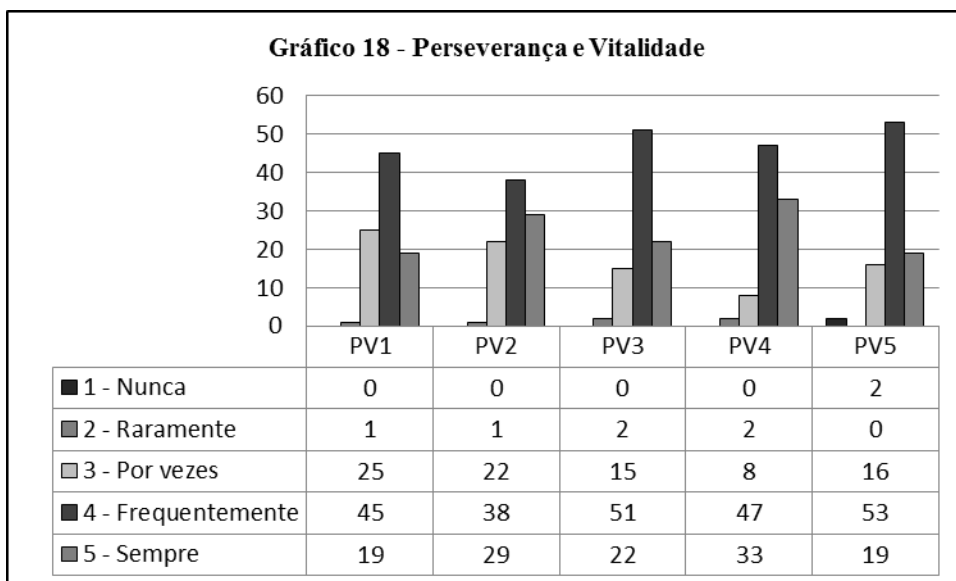
Relativamente à capacidade “Planificar e Organizar”, no que concerne às dimensões “consigo prever a duração de uma tarefa” (PO1), verificou-se que a maioria dos alunos (44) atribuiu um grau de frequência 3. No que diz respeito às dimensões “sou organizado” (PO2), “acredito nos meus projectos” (PO4) e “gosto de organizar actividades” (PO5), a generalidade dos alunos atribuiu um grau de frequência 4. Por seu lado, cerca de 72% dos alunos inquiridos consideram que sabem, frequentemente/sempre, gerir bem o seu dinheiro (PO3).



Na capacidade “Trabalho Organizado e Minucioso”, a maioria dos alunos considera que “trabalha todo o procedimento necessário para obter um bom resultado” (TOM1) e são “precisos e metuculosos” (TOM2) frequentemente. Por outro lado, a generalidade dos alunos inquiridos atribuiu um grau de frequência 3 às dimensões “não proponho trabalhos mais fáceis e termino tudo a tempo e correctamente” (TOM3) e “termino as tarefas antes do seu *terminus*” (TOM4). Quanto à dimensão “quando inicio uma acção, termino-a” (TOM5), salienta-se que 80% dos alunos atribuíram um grau de frequência entre 4 e 5.



Relativamente à última capacidade empreendedora, “Perseverança e Vitalidade”, verifica-se que a maioria dos inquiridos atribuiu um grau de frequência 4 a todas as dimensões consideradas.



3.3. Análise Factorial

Para proceder à análise factorial, tornou-se necessário, em primeiro lugar, analisar a associação linear existente entre as capacidades empreendedoras e procurar os factores que reduzam os dados sem perda de informação. Deste modo, foi realizado o teste de normalidade dos dados Kolmogorov-Smirnov, com um nível de significância de 0,05.

Quadro 1 – Teste de normalidade

	Kolmogorov-Smirnov		
	Statistic	df	Sig.
Observar e Explorar	0,403	90	0,000
Sentido Crítico e Criativo	0,370	90	0,000
Assumir Riscos	0,346	90	0,000
Decisões e Responsabilidades	0,395	90	0,000
Comunicar	0,345	90	0,000
Inspirar e Motivar	0,356	90	0,000
Planificar e Organizar	0,339	90	0,000
Trabalho Organizado e Minucioso	0,366	90	0,000
Perseverança e Vitalidade	0,359	90	0,000

Para avaliar a relação entre as capacidades empreendedoras dos alunos, calculou-se o Coeficiente de Correlação de Spearman (Anexo 1), no qual foram obtidos coeficientes de Spearman significativos entre algumas capacidades empreendedoras.

Através desta análise verificou-se que a capacidade “Decisões e responsabilidade” correlaciona-se positivamente de forma significativa com as capacidades “Observar e explorar” (0,398; $P < 0,01$), “Inspirar e Motivar” (0,395; $P < 0,01$) e “Trabalho organizado e minucioso” (0,388; $P < 0,01$). Por seu lado, a capacidade “Trabalho organizado e minucioso” correlaciona-se com a capacidade “Planificar e organizar” (0,391; $P < 0,01$).

Posteriormente, com o objectivo de validar as variáveis tratadas na amostra para obter os factores, foi aplicada a técnica de Alfa de Cronbach, que permite ao analista obter uma informação qualitativa relevante em termos de grau de validade das referidas variáveis perante o total da amostra. Deste modo, foi obtido um coeficiente de 0,693, o que segundo Pestana e Gageiro (2003) é um valor aceitável.

Para a realização da análise factorial, foi realizado o teste de adequação de amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO test), de forma a verificar se os dados podem ser tratados pelo método de análise factorial e foi

realizado o teste de esfericidade de Bartlett, através do qual se verifica se a matriz de correlação tem aderência à matriz identidade (Hair et al, 1998).

No teste de adequação KMO foi obtido um valor de 0,673, apresentando uma qualidade razoável para o tratamento da análise factorial (Hair et al, 1998; Pestana e Gageiro, 2003).

Através do teste de Bartlett obteve-se um nível de significância de 0,000, demonstrando que existe um nível de probabilidade muito adequado para a correlação entre as variáveis, confirmando, deste modo, a possibilidade de realizar o tratamento de dados através da análise factorial.

O método de extracção dos factores utilizado foi a ACP, extraíndo-se um número de factores igual ao número de valores próprios maiores do que um (critério de Keiser) e o método de rotação utilizado foi o Varimax. Através desta análise obteve-se três dimensões principais de acordo com o esquema apresentado na Tabela 2.

Quadro 2 – Matriz dos componentes principais após rotação

	Componentes		
	1	2	3
Inspirar e Motivar	0,815	-0,164	0,143
Decisões e Responsabilidades	0,753	0,204	-0,113
Observar e Explorar	0,595	0,249	-0,094
Perseverança e Vitalidade	0,535	0,287	0,332
Planificar e Organizar	0,073	0,824	0,199
Sentido Crítico e Criativo	0,024	0,619	-0,097
Trabalho Organizado e Minucioso	0,446	0,529	0,070
Comunicar	0,344	0,515	-0,243
Assumir Riscos	0,009	-0,031	0,923
Valores Eigen	2,845	1,218	1,070
Varição Total (%)	31,610	13,532	11,890
Varição Cumulativa (%)	31,610	45,142	57,033

Através da ACP foi obtida uma solução aceitável com um modelo de três dimensões que explica 57,03% da variação do total do conjunto de variáveis originais. A primeira componente, que representa 31,61% da variação total, é dominada pelas capacidades “Inspirar e Motivar”, “Decisões e responsabilidades”, “Observar e explorar” e “Perseverança e vitalidade”.

A segunda componente, que explica 13,53% da variação total, é constituída pelas capacidades “Planificar e organizar”, “Sentido crítico e criativo”, “Trabalho organizado e minucioso” e “Comunicar”.

A última componente representa 11,89% da variação total e é constituída pela capacidade “Assumir riscos”.

3.4. Discussão dos resultados

Relativamente aos resultados da análise descritiva é possível verificar que os estudantes inquiridos se situaram maioritariamente no valor da escala intermédio, valor 3 (por vezes). Esta constatação pode ser justificada pelo facto destes inquiridos ainda estarem numa fase de formação no que concerne às capacidades empreendedoras, não estando ainda muito seguros relativamente ao seu perfil. Exclui-se desta tendência a capacidade “observar e explorar” onde a maioria se posiciona no valor 4 da escala, ou seja frequentemente. Esta propensão parece ser reveladora de uma capacidade que frequentemente está presente em estudantes com faixas etárias jovens e que se encontram a estudar, podendo não estar directamente associada a uma vontade e capacidade empreendedora.

A análise ACP permitiu encontrar três componentes principais. A primeira componente agrupa quatro capacidades, parte das quais associadas maioritariamente a características comportamentais valorizadas pelos estudantes, incluindo-se ainda nesta primeira componente, a capacidade “observar e explorar” a qual obteve valores de frequência mais elevados na análise descritiva. A segunda componente agrupa quatro capacidades empreendedoras maioritariamente associadas às capacidades de gestão. Por último, a terceira componente

inclui apenas a capacidade relativa ao risco, o que pode sugerir, igualmente, alguma imaturidade dos respondentes da amostra, assim como uma percepção da relevância desta dimensão no processo empreendedor.

4. Conclusões e considerações finais

Face à crescente importância do ensino do empreendedorismo para a promoção do crescimento económico, da competitividade e da criação de emprego, este artigo apresenta, numa primeira parte, alguns estudos que enquadram o tema da educação para o empreendedorismo. Numa segunda parte, o estudo empírico procura medir a auto-percepção empreendedora de uma amostra de estudantes do ensino superior.

Os resultados procuraram, para além da apresentação de alguns estudos sobre o tema em questão, avaliar a auto-percepção empreendedora dos alunos. Os resultados mostram uma auto-percepção empreendedora, por parte dos alunos, relativamente baixa, revelando ainda alguma insegurança e receio face a projectos empreendedores futuros. Esta evidência pode estar relacionada, por um lado, com alguma imaturidade dos alunos inquiridos, e, por outro lado, com a percepção de risco associada à actual conjuntura económica.

Estes resultados deverão também ser analisados com algum cuidado, uma vez que estudos desta natureza devem assumir um carácter longitudinal, ou seja, acompanhar esta amostra ao longo de um determinado período de tempo, cobrindo um período temporal que permita, aos alunos inquiridos, experiências profissionais e a aplicação e a potenciação das competências adquiridas ao longo do percurso académico.

5. Bibliografia

Carvalho, L.; Costa, T.; Dominginhos, P. (2010). Creating an entrepreneurship ecosystem in higher education. *Technology, Education and Development*. Austria: I-TECH Education and Publishing (ISBN: 978-953-7619-40-4).

Chamard, J. (1989), Public Education: Its Effect on Entrepreneurial Characteristics, *Journal of Small Business and Entrepreneurship*, 6(2), 23-30.

Comissão Europeia (2003). *Green Paper on Entrepreneurship in Europe*. Recuperado em 15 Agosto, 2001, de http://ec.europa.eu/enterprise/entrepreneurship/green_paper/

Costa, T; Carvalho, L. & Dominginhos, P. (2011). Ambientes que promovem o empreendedorismo no Ensino Superior – O Caso do Instituto Politécnico de Setúbal. Trabalho apresentado nas XXI Jornadas Hispano-Lusas de Gestão Científica, Córdoba, Espanha.

Cox, L.W. (1996). The goals and impact of educational interventions in the early stages of entrepreneur career development. Proceedings of the Internationalising Entrepreneurship Education and Training Conference. Arnhem

Curran, J. e Stanworth, J. (1989). Education and training for enterprise: some problems of classification, evaluation, policy and research. *International Small Business Journal*. 7 (2), 11-22.

Dominginhos, P.; Carvalho, L. (2009). Promoting business creation through real world experience: Projecto Começar. *Journal Education+Training*. Vol. 51, 150-169.

Dubbini, S. and Iacobucci, D. (2004), The development of entrepreneurial competences: entrepreneurship education in Italian universities and firms' organizational models. Paper presented at EUNIP Conference, Birmingham.

Garavan, T.; O'Cinneide, B. (1994) Entrepreneurship Education and Training Programmes: A Review and Evaluation – Part 1. *Journal of European Industrial Training*. Vol. 18, 8, 3-12.

Gibb, A.A. (1993). The enterprise culture and education. Understanding enterprise education and its links with small business entrepreneurship and wider educational goals. *International Small Business Journal*. 3 (11).

Gorman, G.; Hanlon, D, King, W. (1997). Some research perspectives on entrepreneurship education, enterprise education and education for small business management: a ten-year literature review. *International Small Business Journal*. Vol. 15, 3, 56-77.

Hair, J. F. Jr., Anderson, R.E., Tatham, R. L. e Black, W. C. (1998). *Multivariate Data Analysis*. Prentice-Hall International (Fifth Edition).

Henry, C., Hill, F. and Leitch, C. (2005). Entrepreneurship Education and Training: Can Entrepreneur be Taught? Part I. *Education and Training Journal*. Vol. 47, 98-111.

Hytti, U., Cotton, J. & O'Gorman, C. (2004). What is "enterprise education"? An analysis of the objectives and methods of enterprise education programmes in four European countries. *Education + Training*. 46(1), 11-23.

- Jamieson, I. (1984), Education for Enterprise in Watts. *A.G and Moran, P. (eds.)*, CRAC, Ballinger, Cambridge. 19–27.
- Kuratko, D.F. & Hodgetts, R.M. (2004). Entrepreneurship: Theory, Process. Practice. Mason, OH. *South-Western Publishers*.
- Li, J., Matlay, H. (2005), Graduate employment and small businesses in China, *Industry & Higher Education*. Vol. 19 No.1, 45-54.
- OCDE (2008). Entrepreneurship and Higher Education. *OECD Publications*.
- Pestana, M. H.; Gageiro, J. N. (2003). Análise de Dados para as Ciências Sociais – A Complementaridade do SPSS (3ª ed.). Lisboa: Ed. Sílabo.
- Pittaway, L.; Cope, J. (2007) Entrepreneurship Education. A Systematic Review of the Evidence. *International Small Business Journal*. Vol. 25, 5, 479-510.
- Singh, J. B. (1990), Entrepreneurship Education as a Catalyst of Development in the Third World. *Journal of Small Business and Entrepreneurship*. 7(4), 56-63.
- Ulrich, T. A., and Cole, G. S. (1987). Toward More Effective Training of Future Entrepreneurs, *Journal of Small Business and Entrepreneurship*. 25 (4), 32-39.
- Westhead, P. & Storey, D. (1996). Management training and small firm performance: why is the link so weak?, *International Small Business Journal*. Vol. 14, No. 4, 13-24.
- World Economic Forum, (2009). *Educating the Next Wave of Entrepreneurs Unlocking entrepreneurial capabilities to meet the global challenges of the 21st Century. A report of the global education initiative*. Recuperado em 11 de Novembro, 2011, de http://elientrepreneur.com/Entrepreneurship_Education_Report.pdf
- Wyckham, R. G. (1989). Measuring the Effects of Entrepreneurial Education Programmes: Canada and Latin America. In Wyckham, R. G. and Wedley, W. C. (eds.), *Educating the Entrepreneurs*, Faculty of Business Administration, Burnaby, British Columbia, Canada.
- Young, J. E. (1997). Entrepreneurship education and learning for university students and practicing entrepreneurs. In *Entrepreneurship 2000*, ed. D. L. Sexton and R.W. Smilor, 215–38. Chicago:Upstart.

Anexo I

Quadro 12 – Coeficientes de correlação entre as capacidades empreendedoras

		OE	SCC	AR	DR	C	IM	PO	TOM	PV
Observar e Explorar (OE)	Coeficiente de correlação	1,000								
	Sig. (2-tailed)									
Sentido Crítico e Criativo (SCC)	Coeficiente de correlação	0,137	1,000							
	Sig. (2-tailed)	0,196								
Assumir Riscos (AR)	Coeficiente de correlação	-0,066	-0,023	1,000						
	Sig. (2-tailed)	0,536	0,830							
Decisões e Responsabilidades (DR)	Coeficiente de correlação	0,398**	0,273**	-0,022	1,000					
	Sig. (2-tailed)	0,000	0,009	0,835						
Comunicar (C)	Coeficiente de correlação	0,203	0,220*	-0,094	0,331**	1,000				
	Sig. (2-tailed)	0,055	0,037	0,379	0,001					
Inspirar e Motivar (IM)	Coeficiente de correlação	0,302**	-0,006	0,085	0,395**	0,184	1,000			
	Sig. (2-tailed)	0,004	0,959	0,427	0,000	0,083				
Planificar e Organizar (PO)	Coeficiente de correlação	0,346**	0,235*	0,055	0,119	0,343**	0,072	1,000		
	Sig. (2-tailed)	0,001	0,026	0,606	0,265	0,001	0,501			
Trabalho Organizado e Minucioso (TOM)	Coeficiente de correlação	0,238*	0,147	-0,014	0,388**	0,341**	0,284**	0,391**	1,000	
	Sig. (2-tailed)	0,024	0,168	0,898	0,000	0,001	0,007	0,000		
Perseverança e Vitalidade (PV)	Coeficiente de correlação	0,277**	0,198	0,138	0,340**	0,235*	0,304**	0,316**	0,255*	1,000
	Sig. (2-tailed)	0,008	0,061	0,195	0,001	0,026	0,004	0,002	0,015	

* = $p \leq 0,05$; ** = $p \leq 0,01$

Anexo II

Avaliação do Perfil de Empreendedor

Adaptado – Fonte: *Manual do Empreendedor*, Instituto Politécnico de Leiria

Responda, com uma cruz (X), a cada um dos itens apresentados, considerando a seguinte escala:

1 – Nunca; 2 – Raramente; 3 – Por Vezes; 4 – Frequentemente; 5 – Sempre

I – Observar e Explorar. Eu...	1	2	3	4	5
1. ... sou inovador					
2. ... valido a informação					
3. ... procuro informação					
4. ... aprendo com o sucesso e com o insucesso					
5. ... exploro as dificuldades					

II – Sentido Crítico e Criativo. Eu...	1	2	3	4	5
1. ... sou sonhador					
2. ... procuro soluções para os problemas					
3. ... sou criativo					
4. ... sou pragmático					
5. ... faço as coisas em que acredito					

III – Assumir Riscos. Eu...	1	2	3	4	5
1. ... sou cauteloso					
2. ... prefiro os pequenos riscos					
3. ... acho aborrecidas as actividades rotineiras					
4. ... desisto quando estou a perder?					
5. ... tento sempre fazer as coisas					

IV – Decisões e Responsabilidade. Eu...	1	2	3	4	5
1. ... procuro levar a cabo as decisões que tomo					
2. ... solicito conselhos e tomo a decisão final					
3. ... tomo boas decisões					
4. ... aprendo com os erros					
5. ... tento levar os meus pensamentos à prática					

V – Comunicar. Eu...	1	2	3	4	5
1. ... comunico facilmente					
2. ... convenço com os meus argumentos					
3. ... relaciono-me com pessoas diferentes					
4. ... tenho uma boa capacidade de escrita					
5. ... gosto que me levem a sério					

VI – Inspirar e Motivar. Eu...	1	2	3	4	5
1. ... procuro fixar metas que sejam realistas					
2. ... procuro organizar bem as coisas					
3. ... sinto-me respeitado quando estou em equipa					
4. ... ajudo os outros					
5. ... valorizo mais as qualidades do que os defeitos					

VII – Planificar e Organizar. Eu...	1	2	3	4	5
1. ... consigo prever a duração de uma tarefa					
2. ... sou organizado					
3. ... sei gerir o meu dinheiro					
4. ... acredito nos meus projectos					
5. ... gosto de organizar actividades					

VIII – Trabalho Organizado e Minucioso. Eu...	1	2	3	4	5
1. ... trabalho todo o procedimento necessário para obter um bom resultado					
2. ... termino as minhas tarefas com muita precisão e meticulosidade					
3. ... não proponho trabalhos mais fáceis e termino tudo a tempo e correctamente					
4. ... termino as tarefas antes do seu <i>terminus</i>					
5. ... quando inicio uma acção, termino-a					

IX – Perseverança e Vitalidade. Eu...	1	2	3	4	5
1. ... gosto das actividades que elaboro					
2. ... utilizo o meu tempo livre para recuperar energia					
3. ... cumpro as regras que estipulo					
4. ... termino qualquer tarefa que começo					
5. ... gosto de mudanças					

Depois de responder ao questionário, some a pontuação de cada capacidade empreendedora:

CAPACIDADE EMPREENDEDORA	TOTAL
I – Observar e Explorar	
II – Sentido Crítico e Criativo	
III – Assumir Riscos	
IV – Decisões e Responsabilidades	
V – Comunicar	
VI – Inspirar e Motivar	
VII – Planificar e Organizar	
VIII – Trabalho Organizado e Minucioso	
IX – Perseverança e Vitalidade	

AGORA indique o seu perfil:

Capacidades Empreendedoras	5	10	15	20	25
I – Observar e Explorar					
II – Sentido Crítico e Criativo					
III – Assumir Riscos					
IV – Decisões e Responsabilidades					
V – Comunicar					
VI – Inspirar e Motivar					
VII – Planificar e Organizar					
VIII – Trabalho Organizado e Minucioso					
IX – Perseverança e Vitalidade					

Obrigado pela sua colaboração!